

Desafios e perspectivas para o Ensino: entrevista com o coordenador da Área de Ensino da CAPES, Prof. Dr. Marcelo de Carvalho Borba

RESUMO

Em entrevista concedida às editoras da RBECT, o Prof. Dr. Marcelo de Carvalho Borba apresenta os desafios e perspectivas para a Área de Ensino a partir de sua experiência à frente da coordenação desta área, junto à CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, agência brasileira de financiamento da pós-graduação e formação de recursos humanos. Diante das reestruturações da pós-graduação brasileira, destaca a nova perspectiva que vem sendo construída ao se considerarem os processos de avaliação e qualificação dos programas de formação. Ainda ao longo desta entrevista, o Prof. Marcelo revela os enfrentamentos vivenciados pela pós-graduação brasileira diante das atuais políticas de cortes de recursos e congelamento dos investimentos em pesquisa e formação neste nível de educação, avaliando também o cenário de pandemia e as possibilidades educativas para o ensino remoto que emergem desse contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Pesquisa. Pós-graduação. Ensino Remoto.

Sani de Carvalho Rutz da Silva

sani@utfpr.edu.br

0000-0002-1548-5739

Universidade Tecnológica Federal do
Paraná, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

Graziela Ferreira de Souza

grazilasouza@alunos.utfpr.edu.br

br

0000-0001-5747-3210

Universidade Tecnológica Federal do
Paraná, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

APRESENTAÇÃO

O Professor Doutor Marcelo de Carvalho Borba é licenciado em Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e doutor na mesma área pela Cornell University, Estados Unidos. Possui ampla experiência de pesquisa e atuação docente na área de Matemática, sendo autor de vários livros e coletâneas sobre a formação de professores e o ensino.

Atua como docente da UNESP, câmpus Rio Claro, em programas de pós-graduação, a coordenar grupos de pesquisa na instituição, em parceria com outras instituições nacionais e também internacionais. Já integrou o Comitê de Assessoria do CNPq na área de Educação durante os anos de 2007 a 2011.

Atualmente é coordenador de rede de pesquisa no projeto Print- CAPES- Programa Institucional de Internacionalização, que visa fomentar o desenvolvimento de planos estratégicos de internacionalização em busca da melhoria na qualidade dos cursos de pós-graduação nacionais. Está à frente da coordenação da Área de Pós-graduação em Ensino na CAPES, para o período compreendido entre 2018-2022, cujo trabalho se reflete nas ações de fortalecimento e promoção da pesquisa científica no país.

Como pesquisador experiente e reconhecido em sua área, o Prof. Dr. Marcelo de Carvalho Borba avalia o cenário vivenciado pela pós-graduação brasileira em entrevista concedida às editoras da RBECT, a destacar aspectos e condições da pesquisa científica em seu atual contexto.



Prof. Dr. Marcelo de Carvalho Borba
(Foto: Acervo pessoal)

ENTREVISTA

Como o senhor avalia os desafios e as perspectivas enfrentados em seu período como coordenador da área de Pós-graduação em Ensino da CAPES diante do cenário atual da educação brasileira?

Atualmente, o maior desafio que a Área de Ensino enfrenta está relacionado ao atendimento de suas inúmeras demandas dentro de sua diversidade. A esses fatores somam-se o congelamento de bolsas, tanto na redução do número de bolsas como também no repasse de recursos para custeio das bolsas e projetos de pesquisas. Deste modo, o sistema de pós-graduação brasileiro, em particular, sofre com a questão das bolsas que, por não possuírem uma dinâmica de correção anual em relação a economia do país, vêm acumulando uma grande desvalorização ao longo dos últimos anos. Considero que a oferta de bolsas é de grande importância para o desenvolvimento da ciência em nosso país, uma vez que elas são responsáveis não somente pela subsistência dos pesquisadores como também pela captação de talentos para a pesquisa brasileira. No caso específico da Área de Ensino, vejo como um grande desafio a articulação das políticas públicas com a pesquisa que é desenvolvida nos programas profissionais e nos programas acadêmicos, no que se refere às metas e estratégias de investimentos e repasse de recursos. Sobre as perspectivas, nós estamos num momento muito delicado de cortes para pesquisa na CAPES e no CNPq. Eu quero ser otimista de que a sociedade civil, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência¹ (SBPC) e as coordenações de áreas reverterão esse quadro, com objetivos de expandir a pós-graduação e a pesquisa, sobretudo neste momento em que a ciência se mostrou fundamental para enfrentamento da crise em meio a pandemia. Creio que essa é a questão central, pois sou otimista sempre.

A CAPES reestruturou vários processos nos últimos anos, sobretudo nos aspectos relacionados à avaliação, garantia e oferta de pós-graduação em todo o país e às propostas formativas e produções científicas. Poderia relatar como tais processos são constituídos para a Área de Pós-graduação em Ensino?

A avaliação, no meu modo de ver, está mudando para melhor, relacionada a uma avaliação qualitativa ao invés de um “quantitativismo” que provocava (e provoca) ainda grandes deturpações na pós-graduação brasileira. O modelo de avaliação gerava uma quantidade imensa de artigos e até práticas nefastas de publicação, como aquelas dos professores, em determinadas disciplinas de cursos de pós-graduação, que exigiam dos alunos como trabalho de avaliação final a elaboração de artigos em que o docente fosse coautor, esquecendo o papel central das disciplinas, que é a formação do pós-graduando no processo de seu curso. Assim, creio que a avaliação dos últimos períodos, que teve o seu papel altamente importante no passado, deixa de ser importante nesses últimos anos. Com isso a nova avaliação, voltada para a qualidade dos processos formativos, da pesquisa e dos projetos desenvolvidos no âmbito da academia ajudará a caminharmos na direção da qualidade, ou seja, é um pouco de uma avaliação qualitativa para a qualidade, penso que esse é o caminho e a nova perspectiva assumida para a formação em nível de pós-graduação. Essa avaliação *qualitativa* é, em sua essência, uma tentativa de realçar a coerência entre a proposta do programa de pós-graduação e o que é feito, de fato, nesse programa por alunos e professores em relação a formação humana e profissional.

Como o senhor avalia a educação brasileira, sobretudo em relação às ameaças e crises relacionadas à destinação de recursos e incentivos ao desenvolvimento da pós-graduação?

Nós estamos vivenciando um grande ataque em relação às universidades públicas e gratuitas, que são, juntamente com os estudos e pesquisas, as instituições em sua maioria que produzem ciência no país, além de formarem recursos humanos de altíssima qualidade na pós-graduação (de acordo com dados da ANPG, 80% da pesquisa brasileira é produzida em instituições públicas). A nossa pós-graduação é de nível internacional, mas, nesse momento, mesmo com cortes e congelamentos começam a solapar a base de todo o sistema educacional. Se nós pensarmos em Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e educação universitária, qual apresenta índices mais qualitativos e expressivos em relação à formação oferecida? Aquele que eu ainda não citei: a pós-graduação, que mesmo diante da crise forma anualmente profissionais de alta capacitação para atuação em todas as áreas de nossa sociedade. Porém, para equilibrar e elevar a qualidade do sistema educacional brasileiro, nós não podemos transferir recursos da pós-graduação para os outros níveis, ainda mais porque são de pequena monta, quando comparado com a necessidade dos outros níveis. Nós temos sim, que direcionar os recursos do pré-sal, do imposto sobre grandes fortunas e outras fontes para a educação básica. Considero também que uma maior qualidade para educação básica pode ser articulada através do investimento na pós-graduação, por meio da concessão de bolsas de estudo e desenvolvimento de talentos que possam refletir sua formação nas práticas desenvolvidas na educação básica, de tal maneira que possamos ter um país mais igualitário, um país para duzentos e doze milhões de brasileiros, e não apenas pra trinta milhões de brasileiros específicos. É isso que precisamos fazer, mas a crise é grande e o congelamento de bolsas em número e em valor está afetando de forma grave a pós-graduação, não só na Área de Ensino, mas em diversas áreas, a exemplo, posso citar o estudo da ANPG² que indica defasagem e perda de valor em relação ao poder de consumo diante dos 44,25% de índice de inflação medida entre este ano e o último ano de reajuste no valor das bolsas (2013).

Ao avaliar o momento atípico que vivenciamos em 2020, de que forma o senhor percebe os impactos deste ano de pandemia para Área de Ensino?

O impacto da pandemia na Área de Ensino é bastante grande, visto que boa parte dos nossos trabalhos é desenvolvida em escolas de educação básica ou, às vezes, em hospitais e cursos de graduação, assim, e tudo isto se tornou bem mais complexo. Mas, afirmo que essa é uma chance para refletirmos sobre a necessidade de utilizarmos os resultados que temos das pesquisas em educação *online*, por exemplo, dentro dessa emergência que se tornou o ensino remoto. Então, novamente, em um tom otimista, acho que podemos aprender sobre tudo isso. Quem sabe, com as casas das pessoas adentrando às escolas e às universidades pela internet, o país se conscientize de que há uma imensa desigualdade social que precisa ser superada. Ou seja, superar a desigualdade social não é importante apenas para pobres e miseráveis, é importante para todos, porque todos viverão melhor se os muito ricos cederem uma boa parte do que têm, assim como se os ricos da classe média alta conseguirem diminuir um pouco seu padrão de tal maneira que tenhamos um país para duzentos e doze milhões de brasileiros.

A partir de sua experiência à frente da coordenação da Área de Ensino junto à CAPES, o senhor considera possível vislumbrar um cenário pós-pandemia e suas implicações na formação e nas pesquisas acadêmicas?

Logo no começo da pandemia, achava que iríamos ter pandemia e pós pandemia. Agora a questão parece ser bem mais *fuzzy*³ e teremos uma “transição *fuzzy*” ao que me parece, haverá uma mistura de pandemia e pós-pandemia, com idas e vindas. Considero que será uma transição, algo que tenha certa hibridez e que também, quem sabe, se denominará por alguma forma de ensino híbrido. Contudo temos que tomar cuidado pra não haver um tipo de oportunismo pedagógico ao afirmar: “pode fazer online, então vamos fazer tudo online agora, para que façamos corte custos”. Em particular, no contexto das universidades privadas, considero que temos que estar muito atentos a essa postura, porque boa parte das instituições só visam ao lucro, o que não combina com a educação de qualidade. Então, é fundamental que aprendamos com as coisas boas da pandemia, e não valorizemos essas instituições privadas que estão demitindo centenas de doutores durante a pandemia. É muito importante que prestemos atenção a tais aspectos nesse próximo período que se aproxima. Espero que com a pandemia tenhamos aprendido várias coisas, como por exemplo: a importância da solidariedade; a importância dos trabalhadores para o lucro dos que detêm a riqueza concentrada nesse país, a dificuldade que a desigualdade social impõe à educação, a importância dos professores, a importância da pesquisa, da ciência e as possibilidades de uma educação com recursos digitais que esteja em sintonia com os modos de comunicação do século XXI.

COLABORADORES

Este trabalho contou com a colaboração de Iury Michel Treuk no desenvolvimento de atividades técnicas.

NOTAS

¹ A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) é uma entidade civil, sem fins lucrativos ou posição político-partidária, cujos objetivos estão relacionados à defesa do avanço científico e tecnológico, e do desenvolvimento educacional no país. Possui grande representatividade no contexto das políticas públicas, com posição definida no Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CCT), órgão consultivo do Governo Federal para definição das políticas e ações prioritárias no campo de Ciência e Tecnologia. A SBPC organiza anualmente eventos entre seus associados, para debater políticas públicas e difundir os avanços da ciência em todo o território nacional.

² Plano Emergencial “Anísio Teixeira” para a ciência brasileira da Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG), um projeto que reúne iniciativas para a retomada do desenvolvimento econômico por meio da valorização da ciência, tecnologia e inovação. O documento pode ser acessado em: <https://www.anpg.org.br/25/08/2020/anpg-lanca-plano-emergencial-anisio-teixeira-para-reconstrucao-nacional-atraves-da-ciencia/>.

³ Em alusão a teoria de conjuntos Fuzzy introduzida por Lotfi Asker Zadeh, em 1965, uma teoria matemática aplicada a conceitos difusos, que envolvem imprecisão.

Recebido: 15 dez. 2020.

Aprovado: 15 dez. 2020.

DOI: 10.3895/rbect.v13n3.13612

Como citar: SILVA, S. C. R.; SOUZA, G. F. Desafios e perspectivas para o Ensino: entrevista com o coordenador da Área de Ensino da CAPES, Prof. Dr. Marcelo de Carvalho Borba. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v.13, n. 3, p. 386-391, set./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/13612>>. Acesso em: XXX.

Correspondência: Sani de Carvalho Rutz da Silva - sani@utfpr.edu.br V

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

